

GUAYRÁ

TERRA QUE RESISTE

Isabelle Maria Soares

(UFPR – Doutoranda)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
<p>Isabelle Maria Soares é Doutoranda em Letras, na área de concentração em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com bolsa CAPES/PROEX. Mestra em Letras, na área de concentração em Interfaces entre Língua e Literatura, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR).</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Guayrá é uma história de resistência. Por meio de um enredo que trabalha as relações entre os povos indígenas guaranis, os missionários jesuítas, a corte espanhola e os bandeirantes no espaço paranaense do século XVII, esse novo romance histórico escrito pelo paranaense Marco Aurélio Cremasco se apresenta como um “lugar de memória”, pois recupera e reexamina esse momento histórico à memória do Paraná. A partir desses pontos, esta resenha crítica faz uma leitura de Guayrá de modo a propor reflexões acerca da ficção de fundação das Missões Jesuíticas e a formação histórica do Paraná.</p>	<p>Guayrá is a history of resistance. The storyline captures the atmosphere of the relationships among guaranis, Jesuits missionaries, spanish court and bandeirantes in the state of Paraná at the 17th century. This new historic romance of the paranaense writer Marco Aurélio Cremasco presents like a “space of memory”, because the words in there recapture and re-exam this historic moment of Paraná. This review search read Guayrá in a critical perspective about the fiction foundation of Jesuitic missions and the historic formation of Paraná.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Guayrá; Marco Aurélio Cremasco; Memória	Guayrá; Marco Aurélio Cremasco; Memory

Guayrá: terra que resiste

“As reduções e as vilas espanholas foram encobertas e serão encontradas apenas na memória”¹, diz a primeira frase na contracapa do livro *Guayrá* (2017), de Marco Aurélio Cremasco, publicado pela editora Confraria do Vento. Talvez, reavivar as memórias das missões jesuíticas no Guayrá seja o principal objetivo dessa obra.

O autor, Marco Aurélio Cremasco, é paranaense natural de Guaraci-PR, mas reside atualmente em Campinas-SP, visto que é professor universitário, na área de Engenharia Química, da Universidade Estadual de Campinas. A maioria de suas obras literárias são livros de poesias. Como ficcionista, além de *Guayrá*, destaca-se a obra *Santo Reis da Luz Divina* (2007) cujo enredo trata da Guerra do Paraguai, um período histórico marcante e bastante lembrado na América Latina. Já a história do Guayrá e das missões jesuíticas no território que hoje é grande parte do estado brasileiro do Paraná caiu no esquecimento popular. Nesse sentido, o romance *Guayrá* se torna um “lugar de memória”², pois fez ressurgir, de forma inusitada, esse momento histórico à memória paranaense. Contudo, ao iniciarmos a leitura do que aparenta ser um romance histórico sobre um período já esquecido da história do Paraná, percebemos que as intenções do autor vão muito mais além do simples gesto de lembrar.

De modo geral, o enredo apresenta as relações entre os povos indígenas guaranis, os missionários jesuítas e os bandeirantes, no espaço paranaense do século XVII. Para além disso, *Guayrá* é uma história de resistência, algo que já é evidenciado pelo próprio título do romance, que é o nome do próprio espaço geográfico onde se passa a narrativa, cujo significado, o próprio Cremasco busca explicar em uma das entradas do Glossário que se encontra ao final do livro:

GUA (algo ou alguém que pertence ao tempo ou ao lugar referido). *Y* (atributo de ser resistente; que não arrebenta e nem se quebra; que oferece dificuldade). *R* (o alomorfe *r-* é unido a radicais que apresentam vogal no seu segmento inicial, ocorrendo em construções possessivas identificando o elemento possuído). *A* (pronome demonstrativo: aquele lugar, aquela direção, aquela maneira). Uma possibilidade para *Guayrá* seria, portanto, aquele lugar resiste; aquela terra intransponível; aquela terra de alguém; aquele tempo que persiste; aquele tempo que resiste; Diaz de Guzmán (1612) associa *Guayrá* ao nome de um cacique cuja influência estendia-se pelo rio Paraná; tendo em vista a natureza de acidente geográfico para transpô-lo, *Guayrá* está associado às cataratas Sete Quedas do rio Paraná (PR), hoje inexistente. Seja qual for a interpretação para o termo *Guayrá*, este se refere às regiões, hoje, do norte, noroeste, sudoeste e centro do Estado do

¹ O trecho que compõe a contracapa faz parte da narrativa também.

² Pierre Nora (1993) afirma que apenas a memória em si não é suficiente para existir, é preciso recursos mediadores desse processo de ligação entre passado e presente. À medida que a memória tradicional desaparece, sentimos a necessidade de acumular vestígios, os quais, segundo o historiador francês, se tornam “lugares de memória”.

Paraná, delimitada notadamente pelos rios Paraná, Paranapanema, Tibagi, Ivaí, Piquiri e parte do Iguaçu. (CREMASCO, 2017, p. 306)

Apesar das missões jesuíticas no Paraná não serem tão lembradas pela memória popular, já houve uma produção fílmica internacional que retratou tal período histórico. *The Mission* (em português: *A missão*), produção britânica de 1986, do diretor Roland Joffé, apresenta o mesmo enredo histórico narrado em *Guayrá* e teria se baseado nos escritos de Antonio Ruiz de Montoya³, um dos mais importantes jesuítas do Guayrá e que, inclusive, é um dos personagens missionários com mais presença no romance de Cremasco. Diferente do romance de Cremasco, que apresenta um título de nome indígena, nome do território geográfico em que se passa a história (Guayrá), focalizando o significado de resistência, o filme que citamos transmite, de forma épica e romântica, uma perspectiva colonial, valorizando a ideia jesuítica de conquistar territórios para catequizar os indígenas como uma missão (ou missões, como é popularmente conhecido).

Algo que chama a atenção no filme, por exemplo, é que nenhum personagem indígena possui nome ou identidade própria, algo que não acontece em *Guayrá*. Inclusive, o Glossário, organizado pelo próprio autor, é uma ferramenta valiosa para o leitor, que pode verificar o significado dos nomes dos personagens guarani, de suas divindades e seres do seu folclore (como o Kurupira, por exemplo), bem como, outras palavras de origem tupi-guarani que aparecem com frequência no discurso desses personagens.

Nesse sentido, o filme citado prioriza a visão da história oficial, que coloca o jesuíta como herói, mas apaga a importância dos guarani na história paranaense ou os colocam como personagens secundários, que aceitaram o processo de colonização e catequização de forma tranquila, diferentemente do que propõe o romance de Cremasco. Dividido em quatro partes, a primeira, chamada “Canto resplandescente”, começa narrando a história do território pela perspectiva do indígena guarani, apresentando a criação do Guayrá numa espécie de Gênesis bíblico que mescla elementos da cosmologia e cultura Guarani: “Nhanderu despertou e percebeu que estava só no mar eterno. Emergiu” (CREMASCO, 2017, p. 13).

O espaço geográfico do Guayrá é então criado por Nhanderu, divindade indígena guarani, que fez surgir outras divindades a partir de si, as quais envia para delimitar a região: “Jakairá foi para o norte, além do Paranapané. Mba’ekuaá ao sul, longe do Pikyry. Tupã ao oeste, distante do Paranã. Karaí, a leste, adiante do Tyvajyva. Sentiu-se pronto para a Criação a partir de Suas partes, que são as palavras-alma” (CREMASCO, 2017, p. 13). Na mesma página, um pouco mais a frente, o leitor descobre que quem narra essa

³ Montoya registrou seu ponto de vista e sua experiência como jesuíta na América do Sul na obra *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la compañía de Jesus, en las Provincias del Paraguay, Paraná, Vrugay y Tape (1639)*.

descrição é o cacique Guayrakã, um personagem indígena que existiu na realidade histórica, e teria sido o responsável pelo nome Guayrá, como a própria narrativa indica:

Esta terra tem dono. Nhanderu! - a última frase de Guayrakã ao neto. Talvez o pequeno não soubesse da resistência imposta pelo avô àqueles que vieram para aprisionar, assassinar os que vivem entre os grandes rios. [...] Ninguém se impões àquele que resiste e à sua nação nomearam Guayrá: terra de Guayrakã. Resistiremos! - brandou Mboixá (CREMASCO, 2017, p. 13)

A vida dos personagens indígenas que habitam o *Guayrá* muda totalmente com a chegada dos primeiros jesuítas na região, José Cataldino e Simón Maceta, que objetivam construir reduções para evangelizar os nativos do local. Outros personagens jesuítas que são marcantes nessa narrativa são Antônio Ruiz de Montoya, Cristóbal de Mendoza, Primo Oscar e Juna Caño. “Os Altares”, a segunda parte do romance, aborda o processo de evangelização e fundação das várias reduções, uma por uma, pelas mãos desses personagens.

Já a terceira parte, “As Ruínas”, encena a disputa pelo território guairenho entre as coroas espanhola e portuguesa, relatando, de forma caótica e apocalíptica, os ataques dos bandeirantes vicentistas sobre os guairenhos e a destruição, uma por uma, das reduções do Guayrá. Liderados pelo bandeirante Raposo Tavares, outros bandeirantes e mamelucos passam a invadir o Guayrá com o fim de reivindicar o território e capturar indígenas guarani para escravizar. A partir desse momento, nos deparamos com o “apocalipse” do Guayrá: o caos, a violência e o desespero.

Por fim, a quarta parte, intitulada “A Terra sem Mal”, foca na fuga dos jesuítas e mais de doze mil guaranis para a região que hoje é o noroeste do Rio Grande do Sul, na época conhecido, e como é chamada no romance, por Tapé. Ali, reergueram as reduções jesuíticas: “O Guayrá, novamente, repetia-se no Tapé” (CREMASCO, 2017, p. 274).

A história termina com o retorno do personagem guarani Jesus Itawerá para o Guayrá em um processo de redenção pelo seu povo que teria sido enganado ideologicamente pelos jesuítas e massacrado violentamente pelos bandeirantes. Apesar de não viabilizar a identificação de um protagonista, o personagem Jesus Itawerá recebe grande destaque em grande parte do romance. Além de levar o nome de batismo cristão “Jesus”, a narrativa registra a sua genealogia (descendência), que vem desde o personagem Guayraká.

Guayrá dialoga quase que inteiramente com a Bíblia cristã, tanto é que se observarmos os títulos dos capítulos, o formato lembra o nome dos livros da Bíblia. Além disso, a subdivisão de cada capítulo lembra o formato bíblico de capítulo/versículo. O livro, que abre em uma espécie de Gênesis, mescla várias referências bíblicas a aspectos da cultura Guarani ou a eventos do período histórico narrado ao decorrer dos capítulos, e

finaliza, de forma caótica, num formato que lembra o livro bíblico do Apocalipse. Em 2010, Cremasco recebeu uma Bolsa Funarte de Criação Literária para escrever o romance que se chamaria, inicialmente, “Evangelho do Guayrá” (SILVA, 2018), fato que pode reafirmar, de certa forma, a ideia de intertextualidade bíblica dessa obra.

A resistência guarani é um ponto forte trabalhado em *Guayrá*. Entretanto, ao decorrer da narrativa, o leitor descobre que o romance possui uma pluralidade de vozes, pois se depara não somente com a diversidade de personagens indígenas guarani e suas perspectivas, mas também com jesuítas e outros religiosos, pessoas da corte espanhola, bandeirantes e mamelucos. Em uma estrutura que intercala cenários, eventos e personagens de forma brusca, impossibilitando a identificação do narrador, que ora se apresenta em terceira pessoa, ora em primeira, *Guayrá* viabiliza diferentes ângulos sobre o período histórico que narra.

Muitos momentos, principalmente quando encenados pelos personagens “grandiosos” da história oficial, como os jesuítas, são apresentados de forma irônica e humorística: “O padre Simão Maceta busca persuadi-los com música, porém é incapaz de acalantar uma anta” (CREMASCO, 2017, p. 66). Pela evidência intertextual em forma de palimpsesto (visto que propõe uma reescritura paródica da Bíblia), pluralidade de perspectivas (heteroglossia bakhtiniana), traços de humor por meio de ironia, *Guayrá* se enquadra no chamado Novo Romance Histórico, como proposto por Seymour Menton (1993). Para além disso, o romance circunda a ideia de impossibilidade de se conhecer a verdade histórica, principalmente ao questionar em sua totalidade a “verdade” difundida pela história oficial.

Outra característica elencada por Menton (1993) seria a distorção consciente da história por meio de exageros e anacronismos. Um exemplo é quando em sua parte apocalíptica e profética, *Guayrá* apresenta a seguinte previsão: “Ouvi uma grande voz, como aquela das Sete Quedas do Paranã, que um dia será engolida pela ganância dos homens” (CREMASCO, 2017, p. 245). Abordar o “fim do Guayrá” de forma profética e em estrutura de discurso bíblico é um exagero que o leitor é capaz de identificar. Se considerarmos o contexto do período histórico narrado, falar do desaparecimento das Sete Quedas do Paraná⁴ certamente se enquadraria como uma profecia “bíblica”. Contudo, ao desconsiderarmos o motivo exagerado da estrutura da narrativa, sabemos que se trata de um anacronismo, pois só aparece na ficção por fazer parte da história contemporânea, a qual é vivida pelo autor.

Essa ligação entre passado e presente é muito importante para que o leitor possa repensar a história do próprio tempo em que vive. Outra coisa que chama a atenção é que

⁴ Em consequência da construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Itaipu, as Sete Quedas do Paraná, aquelas que foram as maiores cachoeiras em volume de água do mundo, desapareceram em 1982.

muitos personagens guarani da narrativa possuem nomes que se assemelham aos de cidades paranaenses atuais, as quais também compuseram o território do Guayrá: Kuarasy (lembra Guaraci, cidade natal de Cremasco), Atyguajé (que lembra Itaguajé, cidade ao lado de Santo Inácio, onde ficava a redução de Inácio de Yataúbusu), Jaguapytã, Arapoty, Kamará. Nesse sentido, podemos sugerir que o protagonista da narrativa é o próprio espaço, o Guayrá, aquele que, composto por múltiplas vozes, resiste. *Guayrá* se configura, portanto, como um “lugar de memória”, visto que, além de impedir o apagamento, propõe ressignificar a história do próprio espaço geográfico, aquele que deu o nome ao livro, aquele que assitiu a sua própria história e que sobreviveu ao tempo, mesmo em ruínas.

REFERÊNCIAS

CREMASCO, Marco Aurélio. **Guayrá**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2017.

MENTON, Seymour. **La Nueva Novela Histórica de la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, n. 10, p. 7-28, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 5 jul. 2021

SILVA, Lucimara Andrade. **História, literatura e historiografia: representação de resistência e luta no romance *Guayrá* (2017), de Marco Aurélio Cremasco**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

Título em inglês:

GUAYRÁ: A LAND THAT RESISTS